

UM OLHAR GEOGRÁFICO PARA O PROCESSO DE AVANÇO DO NEOLIBERALISMO E DAS DIREITAS

Luiz Eduardo da Silva¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas

Patrícia Helena Milani²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas

Amanda Emiliana Santos Baratelli³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas

Resumo

Como citar:

SILVA, L. E. da.; MILANI, P. H.; BARATELLI, A. E. S. Um olhar geográfico para o processo de avanço do neoliberalismo e das direitas. **Revista Geografia em Atos** (Online), v. 5, ano 2021, p. 1-9,

DOI:

<https://doi.org/10.35416/geoatos.2021.7897>

Recebido em: 2020-05-03

Devolvido para correções: 2021-01-17

Aceito em: 2021-03-06

Temos por objetivo neste ensaio fazer uma discussão acerca de alguns processos geopolíticos no contexto do fortalecimento das diretas e dos discursos nacionalistas em alguns Estados Nação e como isso interfere no atual processo de globalização. A noção de globalização, que até então caracteriza o modo capitalista de produção e seus desdobramentos na geopolítica mundial, orienta nossos argumentos. Além disso, pautamos em alguns processos em curso e inacabados como, por exemplo, o BREXIT (saída do Reino Unido da União Europeia), considerando a relação entre o processo e o discurso nacionalista oriundo da extrema direita que o legitima. Este é validado por políticas econômicas que tendem a camuflar seu viés ideológico e ações xenofóbicas que fragmentam territórios não apenas do ponto de vista econômico, mas também político e social.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Globalização; Avanço das direitas

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas.

E-mail: luiz.dus97@gmail.com

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4149-5583>

² Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (CPTL).

E-mail: patriciah.milani@gmail.com

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7021-9989>

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas

E-mail: baratelli46@gmail.com

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9272-2040>

A GEOGRAPHICAL LOOK AT THE ADVANCE OF NEOLIBERALISM AND THE RIGHT-WING

Abstract

Our goal in this essay is to discuss some geopolitical processes in the context of strengthening of right wing and nationalist discourses in some nation-states and how this interferes with the current globalization process. The notion of globalization, which characterizes the capitalist mode of production and its unfoldings in world geopolitics, guides our arguments. In addition, we focus on some ongoing and unfinished processes, such as BREXIT (the United Kingdom's exit from the European Union), considering the relationship between the process and the nationalist discourse from the extreme right that legitimizes it. This is validated by economic policies that tend to camouflage its ideological bias and xenophobic actions that fragment territories not only from an economic point of view, but also political and social.

Keywords: Neoliberalism; Globalization; Right-wing Advance; Right-wing

UNA MIRADA GEOGRÁFICA AL AVANCE DEL NEOLIBERALISMO Y LA DERECHA

Resumen

En este ensayo pretendemos discutir algunos procesos geopolíticos en el contexto del fortalecimiento de las directivas y los discursos nacionalistas en algunos Estados Nación y cómo esto interfiere con el actual proceso de globalización. La noción de globalización, que hasta ahora caracteriza o el modo de producción capitalista y su evolución en la geopolítica mundial, guía nuestros argumentos. Además, nos basamos en algunos procesos en curso e inacabados, como el BREXIT (la salida del Reino Unido de la Unión Europea), considerando la relación entre el proceso y el discurso nacionalista desde la extrema derecha que lo legitima. Esto se valida con políticas económicas que tienden a camuflar su sesgo ideológico y acciones xenófobas que fragmentan los territorios no sólo desde el punto de vista económico, sino también político y social.

Palabras clave: Neoliberalismo; Globalización; Avance de la Derecha

Para iniciar...

A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, que apenas conseguem identificar o que os separa e não os que os une.
Milton Santos, 2003

A compreensão do contexto atual da geopolítica mundial é desafiador, na medida em que nos apresenta um conjunto de novas dinâmicas políticas, econômicas e sociais, ou ainda novas roupagens de antigos processos, que instiga reflexões acerca do avanço das novas direitas e de um movimento, legitimado por um conjunto de discursos, que leva ao fechamento (sempre relativo) das fronteiras, objetivas e/ou simbólicas, entre alguns países. Contudo, esse quadro se desdobra em inúmeros conflitos e dinâmicas espaciais em amplas escalas. Ainda que seja desafiador tecer essas reflexões neste momento, propomos um debate no âmbito da ciência geográfica, mesmo que o contexto tratado esteja em construção e em constante mudança.

Para o desenvolvimento deste ensaio nos pautaremos em alguns acontecimentos e decisões políticas no contexto mundial que caminham no sentido inverso ao processo de Globalização, compreendendo-a como o estágio do sistema capitalista de produção, mas que, exerce influência em todas as dimensões da realidade: socioeconômica, cultural, política e espacial (SENE, 2015).

O processo de globalização e a política neoliberal

O discurso que permeia e legitima o avanço do processo de Globalização teve e tem como característica fundamental a ideia de integração econômica entre os países, de modo que possam estabelecer relações de comércio, diante da ideia de que “ninguém produz tudo que consome, nem consome tudo o que produz”.

Após o fim da II Guerra Mundial, alguns países se vincularam política e economicamente por meio de Blocos Econômicos com objetivo central de diminuir as taxas de importações e exportações e fortalecerem a economia uns dos outros frente ao contexto econômico mundial.

Por outro lado, o processo de Globalização carrega consigo a produção de desigualdades sociais, territoriais e disparidades econômicas entre os países (reforçando desigualdades que são históricas em alguns deles), assim, os acordos entre os países que constituem os blocos econômicos também possuem a função de hegemonizar o crescimento e amparar as potências de cada bloco (SANTOS, 2003).

Três principais blocos econômicos foram criados com o avanço da Globalização: União Europeia, Nafta e Mercosul e, por conseguintes acordos¹ foram estabelecidos internamente para os seus funcionamentos, ainda que com diferenças significativas entre eles. A formação dessas entidades econômicas supranacionais é um indicador relevante da reestruturação do poder dos Estados Nacionais no período nominado de pós-guerra.

A formação da União Europeia objetivava fazer frente ao crescimento do poderio norte-americano no cenário internacional, dentro das disputas intercapitalistas por hegemonia, combinado a isso, o interesse de alguns países europeus em construir uma força militar e de segurança que concorreria com os Estados Unidos também neste sentido.

A União Europeia² ainda caracteriza no período contemporâneo como um dos blocos com os mais alinhamentos e acordos comerciais e políticos entre os países membros (não sem conflitos). Em 2002, adotaram a moeda única (Euro)³, dentro do tratado de união econômica e monetária, sendo essa uma característica possível somente em blocos/uniões consolidadas, com amplos acordos internos e com economia consideravelmente estável.

Porém, na última década o processo de avanço dos discursos e decisões ligadas ao fechamento de algumas fronteiras e manutenção de uma hegemonia nacionalista interferiu no funcionamento da União Europeia, sobretudo a partir do plebiscito, em junho de 2016, quando decidiu-se a saída do Reino Unido do bloco econômico.

Os líderes dos partidos políticos do nominado “BREXIT”, o qual consiste na saída do Reino Unido da União Europeia, formularam e se fundamentaram no discurso de que a saída era motivada por questões econômicas. O processo de retirada foi justificado a partir da ideia de que o país teria maior influência econômica diante da composição do bloco, o que prejudicava sua economia interna – considerando as crises agravadas dos demais membros, como Portugal e Grécia.

Ao fazermos uma articulação escalar (SMITH, 2000), temporal e, por conseguinte ampliar o debate para o âmbito da geopolítica mundial de forma a envolver outros territórios, notamos que as relações são complexas e exigem uma análise também com contexto atual da Síria bem como dos movimentos sociais ligados à Primavera Árabe, entre alguns países árabes.

¹ Tipos de tratados: zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum, união econômica e monetária.

² Teve início com a conformação da Comunidade Econômica Europeia (1957).

³ Exceto Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia, República Checa, Reino Unido, Romênia e Suécia – países que temiam a instabilidade da moeda e a perda de autonomia.

Alguns países do oriente médio e do norte da África passaram por movimentos sociais democráticos recentes, um fenômeno que ficou conhecido como a Primavera Árabe⁴ que teve início na Tunísia⁵, em seguida, na Líbia, Egito e Síria, em que o último país citado teve (e ainda possui) um forte agravante de conflitualidades. Trava-se, sobretudo a partir de 2011, uma guerra política, econômica e ideológica por recursos e territórios entre Estados Unidos da América, Rússia e de forma mais recente o Estado Islâmico.

Uma crise humanitária passou a caracterizar a Síria. Considerável parte da população atravessa o Mar mediterrâneo, de maneiras insalubres e desprotegidas (contexto bastante evidenciado e explorado pelas mídias) buscando refúgio em países europeus. Os refugiados sírios buscavam empregos para reprodução da vida e grande parte deles objetivavam a entrada em países economicamente tidos como desenvolvidos, sobretudo França e Reino Unido.

Diante da problemática social e territorial produzida neste contexto, alguns países da Europa estabeleceram tratados humanitários para organização interna dos refugiados, como Alemanha por exemplo. Por outro lado, lideranças políticas de outros países demonstraram resistência em seguir os tratados e aceitar a entrada de refugiados. Combinado a isso, o preconceito e a xenofobia se fortaleceram a partir de discursos nacionalistas de forte ascensão nos países europeus sobre os refugiados diante de todo contexto vivenciado.

O Reino Unido demonstrou interesse na saída do bloco econômico da União Europeia há alguns anos, mas as lideranças econômicas compreendem que parte significativa do que é arrecadado economicamente pelo país é resultante das relações de comércio com países membros do bloco, ou seja, sua saída provocaria um desequilíbrio duplo – ao bloco e ao próprio país. Diante disso, é possível compreender que o discurso econômico é, em parte, uma ideologia para amparar questões xenofóbicas que vem se estabelecem em relação aos imigrantes árabes, principalmente.

Vemos o soerguimento da extrema direita no cenário mundial no âmbito político-econômico e principalmente ideológico, juntamente com o florescer dos discursos nacionalistas que tendem a efervescer os sentimentos de parte das sociedades, por meio do reconhecimento de sua pátria, o pertencimento à uma nação e o desenvolvimento de uma identidade nacional, algo já verificado na história.

⁴ Sobre a Primavera Árabe ver: Amin (2011).

⁵ Neste contexto as mudanças no período contemporâneo, o meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008) se reforça enquanto meio e condição para o crescimento dos movimentos sociais ligados à Primavera Árabe. Segundo Tufte (2013) temos experimentado um ressurgimento de práticas multilaterais de comunicação para a transformação social, uma infinidade de ações em que voz, cidadania e o coletivo tem estado no centro do palco como valores essenciais, de princípios e práticas.

Grafado nos registros históricos, episódios como a Unificação Alemã, a derrubada do Antigo Regime Absolutista na França e a ditadura militar brasileira, são exemplos de acontecimentos, na dimensão espaço-temporal, impulsionados e fortalecidos a partir da forte ideologia nacionalista e o poder do discurso. Um dos efeitos, que chamamos de colaterais, do exacerbado nacionalismo é o sentimento de superioridade cultural e racial e de outras características nacionais quando comparada as outras. Isso resulta em problemas, como o racismo, a xenofobia, a discriminação ao desconhecido, ao diferente do seu “referencial”.

O crescimento das direitas, do neoconservadorismo e das ideias e discursos inerentes a esse contexto estão presentes na política atual dos Estados Unidos, que adotam medidas de limitação à imigração, em defesa de um nacionalismo norte americano.

consolidação da sociedade ocidental fez com que fossem apagadas as diferenças naturais existentes entre os indivíduos. Diferenças de classe, entre os sexos e até mesmo as raciais sempre fizeram parte da ordem social; abandonar essas diferenças em prol de uma ilusória “sociedade sem classes” levaria a uma degradação cultural sem precedentes (ALMEIDA, 2018, p. 28).

O neoconservadorismo adquiriu forças após a eleição de governos declaradamente alinhados a ideais conservadoras na Europa e nos Estados Unidos; pleitos eleitorais que levaram ao poder Ronald Regan, Margareth Thatcher e mais recentemente, Donald Trump (ALMEIDA, 2018).

As ações dos Estados Unidos também se dão por meio de uma nova interferência em governos latino-americanos, pela afirmação da ideologia conservadora, religiosa, retrógrada, anti-intelectual e autoritária, corroborada pelas declarações públicas de altos escalões do governo Trump em apoio aos governantes conservadores da América Latina (WASSERMAN, 2020). Segundo a autora, há, nas declarações desses políticos conservadores, o indício da reinvenção de inimigos internos – minorias que lutam por reconhecimento de direitos, entre os quais ambientalistas, população LGBTQIA+⁶, os que lutam pelo reconhecimento dos direitos das populações indígenas, os que lutam contra o racismo e contra o preconceito de classe social.

O enfrentamento desse fortalecimento do discurso de extrema-direita por parte da esquerda tem-se dado também nas ruas, por meio de manifestações sociais, embates por parte dos grupos de resistência, antifascistas⁷ a partir dessa retomada de poder dos grupos de direita. Por outro lado, desmerecer os manifestantes e reprimir com violência tornaram-se

⁶ Movimento de luta pelos direitos e inclusão de pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexo, Assexual.

⁷ A morte por asfixia de George Floyd, meio de 2020 em Minneapolis, enquanto era imobilizado pelo policial, levou multidões às ruas, nos maiores protestos registrados nos Estados Unidos em décadas.

praxe do discurso e da prática conservadora para controlar os protestos. A violência policial e militar tem sido a resposta às manifestações, com prisões arbitrárias e centenas de feridos, segundo Wasserman (2020).

Do ponto de vista das relações econômicas, por sua vez, a França, que assim como o Reino Unido, exerce um papel significativo (sobretudo econômico) na União Europeia, tem demonstrado interesses de rompimento com o bloco econômico. Essas saídas desestabilizam o bloco econômico que tinha por objetivo integrar os países economicamente. A saída do Reino Unido e as sinalizações do governo francês para o mesmo processo, expressa uma conjuntura de fragmentação das economias, fechamento de fronteiras dos Estados Nações, sobretudo no âmbito de circulação de pessoas, isso resulta em um rompimento, sempre relativo, tanto das fronteiras físicas quando simbólicas, na medida em que reforça estigmas territoriais de populações oriundas dos países tidos como subdesenvolvidos. Cria-se neste contexto os *outros*, neste caso, os imigrantes e refugiados.

Concomitante a isso, se fortalece conjuntamente com o neoconservadorismo um liberalismo econômico, em uma relação que se apresenta histórica e concretamente. A sociedade capitalista, segundo Almeida (2018) possui algumas relações que devem ser necessariamente conservadas, para que o capitalismo possa ser reproduzido, as formas sociais: forma mercadoria, forma dinheiro, forma Estado e a forma jurídica.

Desdobramos a ideia do autor e consideramos neste sentido, que essas formas sociais possuem uma dimensão espacial que não é neutra neste processo, mas condiciona a sua reprodução. O que depreende daí, nos termos de Almeida (2018) é que o Estado sempre será, de um jeito ou de outro, uma força conservadora, na medida em que precisa atuar na preservação das formas sociais básicas do capitalismo, para viabilizar sua reprodução.

O liberalismo econômico impõe aos países a diminuição do Estado e o aumento do controle da economia na política dos Estados Nações. Além disso, esse regime transcendeu o âmbito econômico e apropriou-se das culturas e modos de vida, de parte cada vez mais significativa da população mundial.

O regime político econômico liberal, alinha-se à pauta neoconservadora, que é basicamente a de reestruturação da autoridade da lei, do restabelecimento da ordem e da implantação de um Estado mínimo que não embarace a liberdade individual e a livre iniciativa (ALMEIDA, 2018), isso pressupõe e gera a valorização do individualismo e do mérito individual, de modo a introduzir uma universalização na economia e na sociedade a lógica da concorrência e o modelo de empresa (DARDOT; LAVAL, 2016).

O neoliberalismo⁸ não destrói apenas regras, instituições e direitos, mas também influencia nas relações sociais, nas maneiras de viver, cria subjetividades que guiam parte das relações sociais, permeadas pelo individualismo. O que entra em questão com o neoliberalismo é a nossa própria forma de existência, a forma como nos comportamos, nos relacionamos com os outros e com nós mesmos.

A fusão do regime liberal com o discurso nacionalista construídos pelos países com avanço da direita fragmentam a economia constituída, também pela lógica que guia a conformação dos blocos econômicos, de integração, ainda mesmo que com diversas contradições internas a esse processo. Expressão disso é mais uma fragmentação econômica comandada pelo ex-presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump que retirou os EUA do Acordo Transpacífico de Cooperação Econômica que seria a maior zona de comércio criada no mundo, abrangendo 12 nações com populações somadas a cerca de 800 milhões de pessoas e responsáveis por 40% do PIB (Produto Interno Bruto) mundial. O tratado diminuiria cerca de 18 mil tarifas de importação e exportação.

Podemos falar em Anti-globalização?

A fragmentação (sempre relativa) das economias, as saídas de alguns países de importantes blocos econômicos, os muros nas fronteiras, o aumento das limitações nas zonas de comércio, a valorização (e novos discursos) nacionalistas, a valorização do individualismo, enfim, esses processos não seriam o inverso do que estava em curso na Globalização? Mesmo dentro de suas inúmeras contradições.

O Capitalismo pelo viés do processo de Globalização produz acordos entre economias nacionais, importações e exportações dentro e fora de Blocos Econômicos, instalação de *filiais* em espaços com amenidades, divisão internacional (territorial) do trabalho. Múltiplas relações que aproximam economias (mesmo que isso não significa a promoção da igualdade). Temos a hipótese⁹, de que o avanço da direita e todo seu conjunto de medidas com resultados subjetivos, combinado com heranças e novas roupagens do individualismo neoliberal não representa um processo “anti-globalizatório”; compreendemos, ainda que preliminarmente, que este momento pode ser uma crise do primeiro, uma crise que enfatiza o lado fragmentário e efêmero, nos termos de Harvey (1992).

⁸ Existem diferenças significativas entre o liberalismo e o neoliberalismo que não iremos adentrar neste momento. Nosso enfoque neste texto é entendê-los enquanto regimes políticos e econômicos que produzem um enfraquecimento do papel Estado e o aumento dos poderes das instituições privadas, uma mudança de regras, nos termos de Santos (2008).

⁹ Isso reforça que este texto é o ponto inicial das discussões, que devem avançar.

Consideramos a Globalização uma fábula (SANTOS, 2003), tida também como ideológica, que dissimula o que o processo tem em sua essência, a produção e a reprodução em sua dinâmica da desigualdade.

A desigualdade territorial e social provocada pela Globalização emerge neste contexto, visto que a guerra por conquista de territórios Sírios pelos EUA, Rússia e Estado Islâmico que se intensificaram com a Primavera Árabe – discurso democrático e culminam em problemas de ordem social na Europa, ocasionando o BREXIT. A Globalização se apoia na democracia de mercado. Todos produzem, todos exportam, mas nem todos compram, consomem ou comem. Essa é a Globalização perversa que está em pleito a ser refletida neste ensaio, que mais que sua superação, o momento político, econômico e espacial é produzido e condiciona práticas que reforçam as desigualdades e legitima os preconceitos em diversas escalas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. In: GALLEGO, Esther Solano (Org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 27-32.

AMIN, Samir. Primavera Árabe? **Temporalis**, Brasília (DF), ano 10, n.20, p.221-252, jul./dez. 2011. p. 221-252.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Loyola, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 2008.

SENE, Estácio de. **Globalização e espaço geográfico**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SMITH Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: Arantes A, organizador. **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus; 2000. p. 132-75.

TUFTE, Thomas. O renascimento da Comunicação para a transformação social – Redefinindo a disciplina e a prática depois da ‘Primavera Árabe’. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 36, n. 2, 2013. p. 61-90.

WASSERMAN, Claudia. Protestos na América Latina. **Jornal da Universidade**. V. 23, n. 229, p. 4, jan./fev, 2020.